

BAGNO, Marcos (2012), *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola, 1053 p.

A linguística brasileira tem experimentado nas últimas décadas um progresso espetacular. Atualmente o Brasil nos oferece um volume considerável de trabalhos de altíssima qualidade e desde um amplo leque de perspectivas teóricas e de campos de interesse. Decerto, entre toda a produção realizada talvez coubesse destacar dois âmbitos: o estudo descritivo do português e a sociolinguística. A gramática de Marcos Bagno, objeto desta resenha, participa justamente de ambos.

Marcos Bagno é, de fato, um dos nomes mais conhecidos desta interessantíssima fornada de linguistas em atividade, porque em muitos sentidos se poderia considerar a ponta mais visível de uma corrente muito crítica para com a tradição gramatical e muito especialmente com o ensino do português na escola brasileira. Sua pluma afiada e a contundência e radicalidade com que costuma expor as críticas (frequentemente em meios de ampla difusão) fizeram dele uma personalidade extremamente polêmica, que conquista adesões entusiastas e ódios incondicionais. De fato, seu trabalho tem se concentrado predominantemente no terreno das ideologias e dos preconceitos linguísticos. Trata-se de um linguista combativo, de todo afastado do modelo do acadêmico supostamente neutro. Bagno toma partido abertamente, convencido de que esta é a única maneira honesta de contribuir para o conhecimento.

A gramática pedagógica publicada recentemente culmina sem dúvida uma etapa importante em sua produção acadêmica. O ponto de partida é, como sempre, a necessidade de combater a imposição de um modelo de língua portuguesa muito distanciado da realidade linguística brasileira, utilizado há séculos como um instrumento de discriminação sociopolítica e econômica: o domínio deste modelo, ao alcance exclusivo de uma minoria, era e é uma das chaves de acesso a determinadas posições profissionais e/ou uma clara marca de classe. Bagno propõe um padrão que no mínimo se baseie, não na tradicional língua literária do português europeu, mas sim no português que realmente utilizam as classes urbanas letradas do Brasil. O objetivo primordial do trabalho, portanto (e daí a qualificação de gramática pedagógica) é oferecer aos profissionais do ensino de língua uma ferramenta para desvencilhar-se dos preconceitos linguísticos, sobretudo dos que têm a ver com a prescrição de determinadas formas linguísticas (muitas já em desuso ou até mesmo que jamais tiveram uso geral) e a estigmatização de outras (que, em contrapartida, são muito habituais). Essa tarefa é, para Bagno, muito mais que um trabalho a favor do conhecimento linguístico, do espírito crítico e da promoção dos estudos gramaticais rigorosos: é um passo rumo à igualdade de oportunidades, isto é, rumo à democratização da sociedade brasileira. Para fazer isso, e fazê-lo bem, o autor se viu forçado a redigir uma espécie de curso de linguística geral e portuguesa. A extensa obra de Bagno é, com efeito, muito mais do que uma gramática descritiva do português brasileiro contemporâneo. Inclui, também, uma interessante exposição e crítica das principais escolas linguísticas atuais (e ele aposta no funcionalismo e é muito

crítico das correntes formalistas); uma breve história da língua que, entre outras questões, argumenta por que o português não provém do latim mas do galego; um estudo sobre a representação gráfica dos sons do português que contém uma crítica radical ao grafocentrismo tradicional da linguística; um manual de descrição gramatical, com a explicação dos principais conceitos para entender a gramática, com proposta de nomenclatura, e ainda toda uma seção sobre o que cabe ensinar na escola brasileira sobre a língua e por quê. Em meio a tudo isso, também, a descrição do português baseada sobretudo no enorme *corpus* linguístico geral coletado ao longo de décadas pelo renomado projeto NURC (Norma Urbana Culta, iniciado em 1969), que levou a cabo um gigantesco trabalho de campo em cinco grandes cidades brasileiras.

Desse modo, o interesse da gramática de Bagno não se limita nem de longe à formação de profissionais brasileiros do ensino de língua. Por seu caráter descritivo, empírico, crítico e propositivo é uma ferramenta fundamental para todos os romanistas. Ela permite fazer uma ideia muito clara de determinados usos já consolidados ou de tendências claramente apontadas no português brasileiro atual; tendências e usos quase sempre negligenciados ou diretamente denunciados como “erros” em outros trabalhos desta natureza. Ao mesmo tempo, explora numerosos campos de incerteza e tateia muitíssimos territórios pouco conhecidos, nos quais propõe continuamente linhas de pesquisa, isto é, assinala caminhos que sem dúvida interessa percorrer não só desde o português brasileiro, mas desde qualquer língua românica e seguramente desde qualquer língua. E jamais foge – ao contrário, busca-o e evidencia-o – do aspecto conflituoso, nem em termos sociolinguísticos nem em termos de descrição gramatical. Não há dúvida de que se trata de uma obra interessantíssima também para qualquer linguista e muito especialmente para qualquer professor de língua, seja ela qual for.

Pere COMELLAS CASANOVA  
Universidade de Barcelona